Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Do espetáculo ao serviço: a cisheteronormatividade na cobertura jornalística da saúde mental de Linn da Quebrada e Zé Neto [1]

From spectacle to service: cisheteronormativity in the journalistic coverage of Linn da Quebrada and Zé Neto's mental health

José Ilton Lima Porto
Cláudia Lago

Palavras-chave: Jornalismo; Saúde mental; Cisheteronormatividade; Linn da Quebrada; Zé Neto.

Introdução

"Respeitável público", ou melhor, respeitável leitora, respeitável leitor: o anúncio que tradicionalmente inaugura o espetáculo circense parece ter migrado para as manchetes do jornalismo contemporâneo. A notícia, em muitos casos, deixa de operar exclusivamente como prática informativa para assumir contornos de encenação da vida privada. Entretanto, nesse espetáculo midiático, os papéis não são distribuídos de forma homogênea. Enquanto determinados/as sujeitos/as são enquadrados/as sob uma lógica de acolhimento, cuidado e orientação, outros/as têm suas dores convertidas em espetáculo público, vigilância e julgamento moral. Na cobertura jornalística sobre saúde mental, essa

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

dinâmica se torna ainda mais evidente, pois a "plateia digital" é constantemente convocada a oscilar entre a empatia e o consumo da dor alheia.

É sob essa perspectiva que este trabalho propõe uma análise discursiva comparativa de quatro reportagens publicadas pelo portal Metrópoles acerca da saúde mental de dois artistas brasileiros: Linn da Quebrada e Zé Neto. Linn da Quebrada é uma artista trans, preta, periférica e reconhecida por sua atuação política e cultural no debate sobre gênero e sexualidade. Já Zé Neto, inserido no universo sertanejo, ocupa a posição de homem cisgênero, branco e heterossexual. Em diferentes momentos, ambos tiveram questões relacionadas à saúde mental expostas pelo mesmo veículo jornalístico, permitindo observar como os marcadores sociais da diferença atravessam os enquadramentos midiáticos.

O interesse pela constituição desse corpus surgiu a partir de uma reação discursiva no ambiente digital. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) criticou, em suas redes sociais[2], a primeira reportagem do portal Metrópoles sobre Linn da Quebrada, intitulada "Linn da Quebrada é internada após vídeo gravado na Cracolândia[3]". A entidade denunciou a espetacularização da dor da artista e o deslocamento do foco jornalístico da saúde mental para a exposição do espaço da crise e da suposta comprovação imagética do sofrimento. Tal reação levantou a hipótese de que o tratamento discursivo dado às pessoas trans e racializadas poderia diferir daquele destinado a artistas alinhados à norma cisheteronormativa.

A partir dessa inquietação, estabeleceu-se como critério metodológico a comparação contrastiva entre reportagens do mesmo veículo, controlando a variável editorial e permitindo observar diferenças discursivas internas ao próprio portal. O corpus final é composto pelas matérias "Linn da Quebrada é internada após vídeo gravado na

[2] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.
[3] https://www.instagram.com/p/DHVd12oRvS7/?igsh=enJvMTc3Mzc5d3I3

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Cracolândia" e "Áudio: equipe confirma que é Linn da Quebrada em vídeo na Cracolândia[4]", além de "Caso Zé Neto: saiba como agir durante uma crise de ansiedade[5]" e "Zé Neto: veja como é o tratamento de depressão e síndrome do pânico[6]". As reportagens foram selecionadas por abordarem momentos de crise e tratamento relacionados à saúde mental dos artistas.

A análise fundamenta-se na Análise do Discurso (AD), em diálogo com os estudos bakhtinianos da linguagem e com a perspectiva da interseccionalidade. A AD permite compreender o texto jornalístico como espaço de materialização ideológica, no qual escolhas lexicais, títulos, vozes autorizadas e enquadramentos narrativos produzem sentidos socialmente situados (Orlandi, 1999; Maingueneau, 2014). Em diálogo com Bakhtin e Volóchinov, considera-se que todo enunciado é atravessado por vozes sociais e por relações de poder que refratam a realidade segundo valores ideológicos dominantes (Volóchinov, 2017). Já a interseccionalidade, conforme Collins e Bilge (2021), possibilita observar como gênero, raça, sexualidade e classe se articulam na construção de desigualdades discursivas.

Além disso, o trabalho dialoga com o conceito de campo jornalístico de Pierre Bourdieu (1997), entendendo o jornalismo como espaço de disputas simbólicas marcado por hierarquias e pela influência de estruturas sociais mais amplas. Nesse contexto, o capital simbólico dos/as sujeitos/as, associado à raça, gênero, classe e conformidade com

[4] https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/audio-equipe-confirma-que-e-linn-da-quebrada-em-video-na-cracolandia

[5] https://www.metropoles.com/saude/caso-ze-neto-saiba-como-agir-durante-uma-crise-de-ansiedade

[6] https://www.metropoles.com/saude/ze-neto-tratamento-depressao

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

normas cisheteronormativas, interfere diretamente na legitimidade social atribuída ao sofrimento de cada indivíduo. Estudos de Autor e Feitosa (2017), Veiga da Silva (2014; 2018) e Machado e Dias (2021) demonstram que o jornalismo permanece atravessado pela cisheteronormatividade, compreendida como um sistema social e cultural que estabelece a cisgeneridade e a heterossexualidade como padrões naturais, legítimos e desejáveis de existência, moldando tanto as práticas profissionais quanto os enquadramentos narrativos.

A análise da materialidade discursiva concentra-se nos títulos, subtítulos, seleção de fontes e organização narrativa das reportagens. No caso de Linn da Quebrada, observa-se a centralidade de elementos como "Cracolândia", "vídeo" e "áudio", produzindo um efeito de vigilância e espetacularização da crise. Já nas matérias sobre Zé Neto, predominam expressões de caráter pedagógico e informativo, como "saiba como agir" e "veja como é o tratamento", acionando discursos médicos e científicos voltados ao acolhimento e à orientação do público.

As reportagens sobre Linn da Quebrada se estruturam a partir de um evento viral: um vídeo gravado na Cracolândia. O título já antecipa o tom sensacionalista, não informa o contexto da saúde mental, mas enfatiza o local estigmatizado e a situação visualmente impactante, centrando-se na materialidade da crise, a localização e a prova da crise.

O título "Linn da Quebrada é internada após vídeo gravado na Cracolândia" e, de forma ainda mais explícita, "Áudio: Equipe confirma que é Linn da Quebrada em vídeo na Cracolândia", não priorizam a saúde mental, mas a prova do delito social: a presença em um lugar estigmatizado e o registro visual/auditivo. A crise de saúde é secundária ao espetáculo da transgressão. A Cracolândia, no interdiscurso social, evoca droga, marginalidade e quebra de decoro, associando o corpo da artista trans a esses significados.

A segunda matéria estabelece uma disputa de autoridade entre a colunista e a assessoria. "Tentando descredibilizar esta colunista que vos escreve, quando deveria mesmo era estar preocupada em cuidar da saúde da ex-BBB", afirma a jornalista na

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reportagem tentando descredibilizar esta colunista que vos escreve, quando deveria mesmo era estar preocupada em cuidar da saúde da ex-BBB. Ao incluir o áudio, a jornalista busca a validação da "verdade" dos fatos, transformando a crise de saúde mental da artista em um caso de polícia/furo jornalístico, em vez de um tema de saúde pública. O foco é a identidade da pessoa no vídeo: "É. É a Linn", não a necessidade de cuidado.

Embora a primeira matéria menciona que "Linn tem um longo histórico relacionado à saúde mental", na voz dos fãs, não do jornalista, a ênfase é colocada na "culpa" e no "agravamento" pelo "abuso de substâncias", reforçando a criminalização da dor da artista marginalizada. O corpo trans, que já está fora da norma social, tem sua crise enquadrada no discurso da falha moral.

A voz de Linn aparece mediada por terceiros, sobretudo pela assessoria e pelas redes sociais, e é rapidamente contraposta à curiosidade pública. Trata-se de um discurso de exposição, em que a mulher trans e negra é representada como corpo em crise, passível de vigilância e julgamento. A matéria não contextualiza as condições estruturais que atravessam a saúde mental de pessoas trans negras, a exclusão social, o racismo, a transfobia e o esgotamento psicológico diante da violência cotidiana.

Em termos interseccionais, as reportagens demonstram como raça, gênero, classe e território se articulam na produção da vulnerabilidade simbólica: a mulher trans negra não é reconhecida como sujeita de cuidado, mas como corpo problemático, público e "curioso". Desse modo, as sociedades realizam um discurso que, concebe "os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles/as que representam a norma e aqueles/as que ficam fora dela, às suas margens" (Louro, 2001, p.9).

Nas reportagens sobre Zé Neto, o texto apresenta-o como paciente em tratamento para depressão e síndrome do pânico, trazendo explicações médicas, orientações de especialistas e vocabulário técnico. A narrativa é marcada por empatia, normalização e convite ao autocuidado.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Os títulos “Caso Zé Neto: saiba como agir durante uma crise de ansiedade” e “Zé Neto: veja como é o tratamento de depressão e síndrome do pânico” usam o nome do artista como gatilho para uma matéria de serviço, com forte apelo didático: “saiba como agir”, “veja como é”. O foco não é a localização da crise (que é brevemente mencionada como “cancelar um show”), mas a informação útil para o/a leitor/a.

O texto é dominado pelas vozes de psicólogos e psiquiatras (João Araujo, Damaris Baldacci, Luiz Scocca), além da Organização Mundial da Saúde (OMS), que endossam a seriedade do sofrimento do artista. O sofrimento de Zé Neto é medicalizado, sendo inserido no quadro de “doenças” globais, quando a reportagem traz que o “Brasil é o país mais ansioso do mundo”.

As matérias apresentam a crise de Zé Neto como resultado da “alta produtividade que é insustentável” do “mundo contemporâneo”, concedendo-lhe o lugar de vítima das pressões sociais legítimas. Essa empatia discursiva humaniza o artista cisgênero, permitindo que sua pausa seja vista como um “cuidar de si”. Não há questionamentos sobre a prova do sofrimento ou a localização da crise.

Esse enquadramento positivo é possível porque o cantor ocupa o lugar simbólico do sujeito normativo da nação: homem, branco, cis, heterossexual, de classe média alta. Sua dor é compreendida dentro do paradigma da humanidade universal, e não como desvio. O discurso jornalístico, portanto, reconhece o sofrimento psíquico apenas quando ele se manifesta em corpos reconhecidos como legítimos pela norma cisheteronormativa.

A análise evidencia que a cisheteronormatividade jornalística não se manifesta apenas no conteúdo, mas também na organização das editorias: as reportagens sobre Linn foram publicadas em “celebridades”, espaço do entretenimento e da fofoca; a de Zé Neto, na editoria “saúde”, que carrega legitimidade e autoridade técnica. Essa divisão discursiva reforça a fronteira entre quem é visto como objeto e quem é visto como sujeito/a de cuidado.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A análise das reportagens do portal Metrópoles revela que o jornalismo contemporâneo atua como uma engrenagem de manutenção da cisheteronormatividade. Por meio da lente da Análise do Discurso e dos conceitos de Bourdieu (1997), ficou evidente que a distribuição do "cuidado" e da "exposição" nas manchetes não é aleatória, mas sim orientada pelo capital simbólico e pelos marcadores sociais de raça, gênero e classe que cada sujeito/a ostenta.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção de sentido. In: FÍGARO, Roseli (org.). Comunicação e análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-43.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Alisson; DIAS, Marlon Santa Maria. A última morte de Lourival: a cisgeneridade como metanarrativa sobre os corpos no jornalismo. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 53-65, 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

AUTOR, 2017.

VEIGA, Márcia. Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA, Márcia; MAROCCO, Beatriz. O feminino no "Livro de Repórter": uma mirada epistemológica de gênero sobre as práticas jornalísticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: SBPJor, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZAMBONI, Márcio. Marcadores sociais da diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento, São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014.